

O FOLGUEDO MARACATU NAÇÃO E SUAS TRANSFORMAÇÕES A PARTIR DO CONSUMO

Kelma Fabíola Beltrão de Souza¹

RESUMO: *Estudos sobre o folguedo Maracatu Nação ou de Baque Virado, que surgiu em Pernambuco nos inícios do século XIX. Este folguedo é originário da coroação dos reis do Congo, auto que ocorria nas festas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos desde o século XVII, em Pernambuco. O propósito deste estudo foi suscitar reflexões iniciais de como as camadas populares que fazem este folguedo resistem e reconvertem seus códigos diante da lógica atual do consumo e da sobrevivência. Mostra-se dentro de uma circularidade cultural como a festa, o ciclo e os espaços foram convertidos por essas camadas que atribuem uma nova lógica: o show, a Internet e o CD.*

Palavras-chave: Maracatu nação; Contextos populares; Consumo.

INTRODUÇÃO

Hoje, porém os Maracatus estão reduzidos a poucas pessoas. Além dos dias de carnaval, quando têm oportunidade de dançar à porta da Igreja do Rosário, os grupos menos desorganizados ainda festejam a data da sua fundação [...] e se exibem para os turistas, isto é, visitantes curiosos e estrangeiros em busca de notas exóticas. Tudo em troca de modestas gratificações, não raro apenas prometidas...

São essas as observações do maestro César Guerra-Peixe ao analisar o folguedo Maracatu Nação em meados do século XX. Suas observações nos fazem pensar sobre as transformações que ocorreram nestes folguedos na época. Dessa forma, para tentarmos pensar sobre os contextos populares que constituem este folguedo hoje é preciso salientar que estes grupos, em determinado momento histórico, são condicionados a reelaborar seus códigos a partir das suas necessidades que vão implicar até mesmo na sobrevivência do próprio grupo.

Em relação aos aportes que foram baseadas nossas discussões para este estudo, destacamos que Roberto Benjamim (1999, p. 6), nas suas releituras sobre a Folkcomunicação², afirmou que os estudos desta área “estão consolidados e a sua área expandida para além do conceito inicial”. Ainda enfatiza o autor que as mudanças culturais ocorridas são de interesse da pesquisa acadêmica, mesmo que sob outras denominações.

Assim, para refletirmos sobre os folguedos Maracatu Nação produzidos pelas culturas populares, pensamos que estas culturas: “[...] não podem ser entendidas como a expressão de personalidade de um povo”, nem como “conjunto de tradições ou de essências ideais, preservadas de modo etéreo”, nem tampouco “ao estilo funcionalista, como formas vazias dotadas de um caráter universal” (CANCLINI, 1983, p. 42). Sendo assim, estamos concordando com a concepção de Canclini quando afirma que as culturas populares:

¹Graduada em Comunicação Social (Relações Públicas) pela UNICAP, especialista em História de Pernambuco pela UFPE, mestra em Comunicação Rural pela UFRPE. Atualmente é estudante de graduação do curso de História da UNICAP e Professora Adjunta da Faculdade Metropolitana da Grande Recife e do Instituto Pernambucano de Ensino Superior. É professora ainda pela Prefeitura de Recife no ensino fundamental I. E-mail: beltraokelma@yahoo.com.br – autora.

²Ele apresenta na II Conferência Brasileira de Folkcomunicação um artigo versando sobre a nova abrangência nesta área, conceito este que sob sua ótica está sendo ampliado desde 1967.

Se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia por parte de seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação real e simbólica, das condições gerais e específicas do trabalho e da vida. (CANCLINI, 1983, p. 42)

A partir desta realidade pretendemos investigar como os contextos populares que produzem este folguedo se constituem, interagindo com outras culturas, em especial a de massa, transformando-se e transformando-a. Tudo num cenário construído a partir da globalização e do consumo. Especialmente suscitaremos alguns aspectos históricos do Maracatu, refletindo sobre alguns aspectos destes grupos de maneira a resgatar as questões que referem-se às novas condições de produção diante do mercado.

Portanto, esta investigação foi realizada com o intuito de entender, a partir de uma circularidade cultural existente, como estes contextos que ora resistem, ora transformam buscam sentido na constituição dos seus códigos.

Para a realização deste estudo foram essenciais as nossas observações participantes e assistemáticas durante o ano corrente em locais que estes grupos realizaram seus “shows”.³ Direcionamos nossa atenção, nestes momentos, para os Maracatus Leão Coroado e Nação Porto Rico, ambos fundados respectivamente em 8 de dezembro de 1863 e 7 de setembro de 1916 (GUERRA-PEIXE, 1980). Tivemos também o contato informal com alguns integrantes destes grupos, bem como acesso aos seus *sites* na Internet e os CDs que estes grupos produziram.

MARACATUS NAÇÃO E A HISTÓRIA

Como já afirmamos, o Maracatu Nação já passou por várias transformações. No próprio significado da palavra - Maracatu, por exemplo, existem algumas designações e a mais provável é assinalada por Guerra-Peixe (1980, p. 28):

[...] designa uma dança ainda hoje praticada pela tribo dos Bondos, estabelecida, atualmente, na área compreendida entre o rio Cuango e os seus afluentes, Lui e Camba, respectivamente. Os Bondos, segundo indicação de antigos viajantes e historiógrafos, viviam, à data da ocupação portuguesa, no território da foz do rio Dande – cerca de cinquenta quilômetros ao norte de Luanda [...]

De certo hoje conhecemos Maracatu como uma palavra usada para indicar um folguedo tipicamente pernambucano, que se apresenta sob duas formas: o Maracatu de Orquestra ou de Baque Solto e o Maracatu Nação ou de Baque Virado⁴. Este primeiro é uma fusão de vários elementos da cultura popular que foi instituído no início do século XX no interior de Pernambuco. Já o Maracatu Nação é uma transformação do ritual de Coroação dos Reis Africanos que estava relacionado ao folguedo da Festa de Nossa Senhora do Rosário, que existia em Pernambuco desde os períodos iniciais da escravidão africana (AMORIM; BENJAMIN, 2002, p.44).

Mas esta realidade, de acordo com Roberto Benjamin (2004, p. 66), em seus estudos sobre Maracatu, nos remete a fatos muito mais antigos, que existem antes mesmo da chegada dos portugueses ao Brasil. De acordo com este estudioso da folkcomunicação, colonizados por

³ Em palcos no Carnaval 2006. No dia primeiro de maio na Festa da Lavadeira, na praia do Paiva no município do Cabo de Santo Agostinho em Pernambuco (Festa que ocorre há mais de dez anos neste local).

⁴ De acordo com Guerra-Peixe(1980, p. 79) baque virado é uma expressão que indica a música de percussão dos conjuntos em que participam mais de uma zabumba. E baque solto quando a música é executada apenas com uma zabumba.

Portugal, os africanos tinham recebido influências dos religiosos portugueses aceitando Nossa Senhora do Rosário como sua padroeira. Dessa forma, ainda na África ou em Portugal os africanos realizavam festas de comemoração do Rosário. Nestas festas era permitida aos africanos a coroação dos reis negros, indicando um ritual que trazia as virtudes do Cristianismo e os poderes do Rosário. As irmandades de africanos e seus descendentes oscilavam entre dois caminhos: abandonar suas crenças para participar da sociedade colonial ou usar as irmandades como fachada para permitir a sobrevivência das manifestações culturais e religiosas africanas.

Fora os rituais de coroação dos reis negros, pode-se indicar outros prováveis elementos presentes que compõem esta festa: cortejos (desfiles solenes), presença de guardas reais, dramatização de luta entre um cristão e um não-cristão, bonecas conduzidas por damas (BENJAMIN, 2004, p. 68)

Trazidos para o Brasil como escravos para trabalhar na economia canavieira, durante este período, era permitido aos africanos coroar ou escolher reis e rainhas para governar as nações de negros, ou melhor, aos escravos era permitido realizar festas comemorativas a Nossa Senhora do Rosário. Para isto, recebiam apoio não só dos seus senhores, mas do governo e da própria Igreja Católica, tanto que a forma de organização do cortejo do maracatu nação muito se assemelha às procissões católicas (AMORIM; BENJAMIN, 2002).

Estas festas ocorriam em vários lugares de Pernambuco, tendo sua parte religiosa seguida pela coroação dos reis. Nestas coroações, principalmente em Recife onde os rituais eram mais solenes, até expedição de diploma para o rei eleito ocorria, inclusive informando das obrigações que o rei tinha em manter a ordem entre os negros (COSTA, 2004, p. 234 - 235).

Os registros sobre a festa do Rosário em Recife vão até os últimos anos da primeira metade do século XIX. De acordo com Amorim; Benjamin (2002, p. 45), logo após este período, os registros existentes nos jornais são sobre os festejos dos maracatus. O motivo desta separação, ao que parece, como ocorreu em outros lugares, deve-se, principalmente, aos conflitos existentes entre os padres e os membros da irmandade. Sendo assim, a coroação dos Reis Negros se desliga dos festejos de Nossa Senhora do Rosário, transformando-se em maracatu nação ou de baque virado, se desligando do festejo religioso católico e passando a integrar o carnaval. Um fato que deve ter facilitado esta separação foi o processo de libertação dos escravos ocorrido em fins deste mesmo século.

Preserva-se, deste contexto, o cortejo com os personagens do rei, da rainha, do embaixador, as damas-do-paço (com as calungas que representam os antepassados, sendo relacionado às práticas religiosas do Culto dos Orixás), outros personagens da corte e ainda as baianas e os batuqueiros.

Tudo indica que o desligamento da Coroação dos Reis da Festa de Nossa Senhora do Rosário, festa católica, possibilitou para que os integrantes pudessem cultivar mais facilmente a religiosidade africana, especialmente o Culto dos Orixás. O Culto dos Orixás é religião originária de Ilê-Ifé, de onde foi criado o mundo e cultuam-se os orixás. Seus sacerdotes e sacerdotisas, ou seja, os babalorixás e ialorixás aprendem a língua e os rituais para cultivar os orixás. A religião culta dos orixás vem das crenças jeje-nagô originária do povo Ioruba e possuem as entidades: Olorum, Xangô, Ogum, Oxossi, Iemanjá, Iansã, entre outros. (BENJAMIN, 2004, p. 34)

Os mestres, reis e rainhas do Maracatu de Baque Virado geralmente têm relações fortes com terreiros de candomblé, inclusive são muitas vezes babalorixás e ialorixás. Sobre isso Guerra-Peixe (1980, p. 23) afirma: “É oportuno realçar o que esclareceram os informantes de vários grupos: a gente do Maracatu tradicional “Nagô”, como dizem no sentido africano – é constituída, na sua maioria, por iniciados nos Xangôs.” Um dos aspectos que demonstram esta relação religiosa são as Calungas. Estas são bonecas que representam os ancestrais africanos dos

grupos que fazem os maracatus. Elas são de cor preta, feitas de madeira, são vestidas de branco e carregadas pela dama-de-paço⁵. (GUERRA-PEIXE, p. 41 - 42)

Dessa forma, durante este tempo, muitos maracatus não deixaram de existir e outros continuam suas atividades sem interrupção até os dias atuais, inclusive ainda com relações significativas com o Culto religioso dos Orixás.

O MARACATU NAÇÃO E AS NOVAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Do declínio do folgado e das afinidades que aproximam a gente da mesma classe social, hoje não somente os negros tomam parte do cortejo, mas também mestiços e brancos [...].E não é difícil encontrar-se uma pessoa branca ocupando o lugar que conviria à negra, como exemplo por nós observado num Maracatu, onde uma mulher branca fazia às vezes do rei, substituindo àquele a quem a tradição conferiria direitos monárquicos (GUERRA-PEIXE, 1980, p. 22- 23)

Estas observações feitas pelo autor e que demonstram um aspecto específico das transformações que o Maracatu pode passar, só acentuam a análise de que este folgado ou qualquer outro, no decorrer de sua história (como mostramos no tópico anterior), convive com aspectos internos e externos que podem determinar ou influenciar na sua transformação. Optar por modificar ou não, pode influenciar nos destinos destes grupos e inclusive na sobrevivência das camadas populares que os organizam.

Martin Barbero (1997, p. 277), ao analisar as transformações que ocorrem nos contextos populares, especificamente a música como representante fundamental do popular urbano na cidade do México, afirmou que quando um grupo de índios queixava-se por não encontrar bambus suficientes para a confecção dos seus instrumentos, era recomendado aos mesmos que produzisse sua música com flautas de plástico, pois, hoje tudo se encontra no mercado⁶.

Este processo de circulação cultural pode acontecer de forma espontânea ou intencional onde “reconvertem-se um patrimônio (conjunto de técnicas e saberes) para re-inseri-lo em novas condições de produção e mercado (CANCLINI apud SANTOS, 1998, p. 6)

Este aspecto exposto muito se assemelha à realidade dos grupos que fazem o Maracatu Nação, já que eles demonstram, de certa forma, a intenção de reconverter antigos códigos do folgado, transformando-o em objeto de desejo do mercado.

Um fato que parece conduzi-los a estas transformações pode estar relacionado às dificuldades financeiras existentes entre os contextos populares que organizam o Maracatu Nação. Já em meados do século passado, Guerra-Peixe (1980), em suas observações, faz referências a muitas das dificuldades financeiras que estes Maracatus atravessam, inclusive estas dificuldades têm levado até ao desaparecimento de alguns que depois de alguns anos ressurgem, levando a grandes confusões sobre as datas de suas fundações. Vejamos as reflexões deste autor (GUERRA-PEIXE, 1980, p. 88):

Uma das razões da decadência dos antigos maracatus parece originar-se da insuficiência de recursos financeiros, pois as quantias conseguidas, por exemplo, pelo Maracatu Nação Porto Rico, nos últimos anos, não correspondem realmente as necessidades do grupo.

⁵ No momento do cortejo, as damas-de-paço executam uma dança com a calunga com intenção de salvar a sede do Maracatu ou de outros lugares visitados, com intenção de “agradar” as divindades protetoras do folgado, bem como aos orixás guias dos terreiros. (GUERRA-PEIXE, 1980, p. 41- 42).

⁶ Ver José Maria Arguedas apud Martin Barbero. (op. Cit.)

Nos dias de hoje, as questões ditadas pelo capitalismo e pela globalização acentuam as dificuldades das camadas populares, propiciando as mudanças socioculturais dos folguedos que elas organizam. Canclini (1999, p. 251) nos fala que esta adoção à modernidade não vai substituir suas tradições, pois os contextos populares são ecléticos e usam táticas para aumentar a comercialização dos produtos e ganhar dinheiro. Ainda enfatiza o autor que essas adaptações destes grupos tradicionais não devem ser subestimadas.

DAS RUAS, DA COMUNIDADE E DAS FESTAS AO SHOW, À INTERNET E AO CD.

As mudanças socioculturais ocorrem em todos os campos, e, geralmente, tais mudanças ocorrem quando os bens e as mensagens geradas pela globalização da economia e da cultura predominam sobre aquelas produzidas no local, provocando suas reelaborações. (CANCLINI, 1999).

Nos reportando à história do Maracatu Nação, identificamos que ele está relacionado ao tempo do ciclo carnavalesco e das festas. Eram neste tempo cíclico e nestas festas que estes grupos saíam em cortejo. De acordo com Katarina Real (1990, p. 68) em suas pesquisas na década de sessenta, estas festas são: “Reis”, em janeiro; São Jorge (Ogum), em abril; Nossa Senhora do Carmo (Oxum), em julho; Cosme e Damião, em Setembro e Nossa Senhora da Conceição (Iemanjá), em dezembro.

Nas suas considerações sobre as rupturas no tempo, especificamente o tempo cíclico demarcado pela festa, Martin-Barbero (1997, p. 131) enfatiza que esta foi instituída com o sentido de que as coletividades descarregassem suas tensões através do tempo balizado pelos ciclos: “O tempo cíclico é um tempo cujo eixo está na festa. As festas com sua repetição, ou melhor, com seu retorno, balizam a temporalidade social nas culturas populares” (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 130)

Nestes tempos, os maracatus realizavam cortejos com desfiles solenes à porta das igrejas. Nesses dias que saíam às ruas, vivenciavam homenagens aos antepassados, com rituais que reforçavam o pertencimento à comunidade e ao grupo, algo para ser vivido. Hoje, a sua produção ocorre de forma diferente, não são mais festas, mas espetáculos que ocorrem dependendo do dia, do mês, do local e do valor que o mercado vai oferecer. No *site* do Porto Rico, por exemplo, existem informações sobre a agenda de shows que realizou e irá realizar durante o ano, shows com finalidades diferenciadas e em vários lugares do Brasil e do exterior. Inclusive com apresentações na Alemanha, na Copa do Mundo.

Estes grupos agora se apresentam em grandes palcos para serem vistos e admirados. Diante deste cenário de criação de um tempo e de um espaço próprio, estes grupos atendem ao que o mercado solicita: o espetáculo “[...] algo que já não é para ser vivido, mas visto e admirado”. (MARTIN-BARBERO, 1997, p.130).

O primeiro grande consumidor deste espetáculo será uma juventude que se identifica e se reconhece nestes grupos de Maracatu⁷. Inclusive barreiras historicamente construídas, como a da religiosidade afro-brasileira, podem ser amenizadas. Essa religiosidade, que sofreu muitas perseguições em Pernambuco, sempre teve sua imagem associada com algo não permitido e discriminado diante da sociedade. Na lógica atual tudo isto é modificado e são principalmente os jovens que vão, não só assistir aos shows, mas também participar dos grupos (fantasiados de baiana, tocando instrumentos na batucada, por exemplo). É importante salientar que neste novo

⁷ Ao que parece são vários os aspectos que estreitaram estas relações, mas tudo indica que um dos aspectos relevantes é o fato de que algumas barreiras foram superadas devido aos movimentos de resgate da cultura popular gerada pelo Movimento Mangue e dentro deste contexto a organização de alguns grupos parafolclóricos de maracatu nação.

cenário, muitos jovens não pertencem às comunidades de origem dos grupos e a maioria destes jovens não são praticantes do culto afro-brasileiro, mas de outras religiões.

Seguindo esta lógica de consumo que está associada ao “conjunto dos processos sociais de apropriação de produtos” (CANCLINI apud MARTIN-BARBERO, 1997, p. 290), temos as formas como estes grupos vão se apropriar das novas condições colocadas pelo mercado para que possam ser consumidos. Fora os espaços dos veículos de comunicação convencionais, como o rádio, jornais, revistas e televisão, estes grupos vão procurar se aliar à lei da oferta e da procura que dispõe a Internet, por exemplo. Além de serem consumidos através de revistas e jornais virtuais na própria rede, os próprios grupos vão organizar seus *sites* para disponibilizar significativas informações. São informações que versam sobre os eventos que participaram ou irão participar (matérias ou agendas), oficinas sobre os ritmos de Maracatu e Candomblé, divulgações de projetos (elaborações de livros e vídeos dos integrantes destes grupos). Vejamos o que nos diz o *site* do Maracatu Porto Rico sobre suas novidades⁸:

Paralelo Singular *Do religioso ao Profano*, o primeiro livro escrito por Chacon Viana, mestre do Maracatu Porto Rico. O material, com 80 páginas, já está pronto e será publicado em três idiomas - português, inglês e francês. O lançamento está previsto para o mês de setembro, durante as festividades de aniversário dos 90 anos da nação.

Na sua comparação dos motivos que conduzem os contextos populares a consumir os meios de comunicação, Canclini (1999, p. 50) afirma que as culturas populares vão buscar nos meios eletrônicos “serviços, justiça, reparações ou simples atenção”, algo que as instituições cidadãs não proporcionaram a estes contextos.

Cria-se um novo cenário cultural baseado na participação dos grupos em amplos mercados prontos para serem consumidos.

Para ampliar mais ainda esta divulgação, ultrapassando os limites territoriais, os grupos também procuram se inserir no mercado fonográfico. Os Maracatus Nação Porto Rico e Leão Coroado produziram seus CDs respectivamente em 2003 e 2005. Produzidos com esforços próprios e o apoio de órgãos de incentivo à cultura, os grupos resgataram ou criaram toadas⁹ que versam sobre seu cotidiano, ou melhor, um cotidiano recortado pelo passado, já que a realidade enfocada está muitas vezes só na memória. É interessante salientar que os *lançamentos* destes CDs estão dentro dos mesmos moldes de qualquer grupo musical. Com exceção de suas especificidades, estes grupos fizeram shows de lançamento e divulgação do CD, inclusive com cobertura da mídia local. Em alguns destes momentos, inclusive, os Maracatus aparecem sem os personagens do cortejo (rei, rainha, baianas, entre outros), só com os batuqueiros e os integrantes que cantam as toadas. Assim, através do CD estes grupos continuam a reconstruir seus caminhos, numa lógica demarcada pelo consumo, onde todos podem ouvir, sentir e admirar.

CONCLUSÃO

É como se as sociedades estivessem organizadas para fazer-nos consumidores deste século, mas enquanto cidadãos levarem-nos de volta para os séculos passados. (CANCLINI, 1999, p. 53). É esta conclusão que o autor faz sobre o novo cenário cultural construído a partir dos fenômenos como consumo e meios de comunicação.

⁸ Novidades do mundo do maracatu. 22 jan 2006. In: PORTO RICO. Disponível em: <<http://www.maracatuportorico.zip.net>>. Acesso em: 20 mar 2006.

⁹ Conjunto de texto e melodia, acompanhada pelo toque dos grupos de maracatu. Toadas de maracatu. Ver mais em Guerra-Peixe (1980, p. 47-48)

Neste contexto, estão presentes as camadas populares que a partir desta realidade constroem seus espaços não só para pertencerem ao mundo da globalização, mas para sobreviverem.

Mesmo sendo este um estudo inicial, podemos concluir que as camadas populares que organizam os maracatus nação, procuram reconstruir suas identidades transformando seus códigos. São as adaptações criativas destes grupos, que não vão eliminar suas tradições, mas adequá-las para o comércio.

Assim, o espaço e o tempo da igreja, das ruas, dos cortejos, das homenagens aos antepassados, das festas, dos ciclos, dos rituais não serão só para serem vividos, mas sim para serem vistos e admirados. O uso de recursos como a Internet, o CD, a apresentação em shows, vai reafirmar as identidades das camadas populares que organizam os maracatus nação inserindo-os numa realidade demarcada pelo mercado.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. Alice. A força do baque virado. **Revista Continente**. Documento. Recife: CEPE, 2006. n. 43.

AMORIM, M. Alice; BENJAMIN, Roberto E. C. **Carnaval**. Cortejos e improvisos. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2002. (Coleção Malungo; V. 5)

BENJAMIM, Roberto Emerson Câmara. **Folgedos e Danças de Pernambuco**. Recife: Editora Linceu Ltda, 1989.

_____. A nova abrangência da Folkcomunicação. IN: **FOLKCOM**, II, 1999, São João Del-Rei, MG: Cátedra UNESCO/ UESP; Fundação do Ensino Superior de São João Del-, 1999. 1 CD.

_____. **A África está em nós**. História e Cultura Afro-brasileira. João Pessoa, PB: Grafset, 2004.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos**; conflitos multiculturais da globalização. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

GUERRA-PEIXE, César. **Maracatus do Recife**. 2 ed. São Paulo: Irmãos Vitale, 1980. (Coleção Recife, vol. XIV)

LEAO COROADO. Disponível em: <<http://www.leaocoroad.org.br>>. Acesso em: 20 mar. 2006.

Nação do Maracatu Porto Rico. **No Baque das Ondas**. Recife: Produção independente, p2003. 1CD.

Maracatu Leão Coroado. **140 anos**. Recife: Produção independente, p2005. 1CD.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

PORTO RICO. Disponível em: <<http://www.maracatuportorico.zip.net>>. Acesso em: 20 mar 2006.

REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife**. 2. ed. Recife: Massangana, 1990.

SANTOS, M.S.T. **Comunicação rural**: velho objeto, nova abordagem. Mediação, Reconversão Cultural, Desenvolvimento local. V COLÓQUIO BRASIL FRANÇA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Sessão-Comunicação: Novos e velhos objetos diante de novas abordagens. 1998.(Mimeo).